

**NOVA FRIBURGO 200 ANOS: DA MEMÓRIA DO PASSADO AO PROJETO
DE FUTURO**

Vanessa Cristina Melnixenco
Mestre em História Social (PPGHS-UNIRIO)
Fundação D. João VI
vanessa@djoavi.com

Luiz Fernando Dutra Folly
Mestre em Urbanismo (PROURB-UFRJ)
Fundação D. João VI
presidencia@djoavi.com

Resumo

Em maio de 2018, Nova Friburgo, cidade serrana do Rio de Janeiro, celebrou seus 200 anos. A chegada do bicentenário já vinha, há alguns anos, despertando o interesse pelas origens e pelo passado da cidade. Apesar de riquíssima, a história de Nova Friburgo ainda se encontrava dispersa em vários trabalhos segmentados – muitos de cunho acadêmico – impossibilitando à grande parte da população uma proximidade com tal conhecimento. Diante disso, pensou-se que o melhor presente para a população friburguense seria reunir, numa única publicação, a história de Nova Friburgo. Assim, nasceu o livro “Nova Friburgo 200 anos: da memória do passado ao projeto de futuro”, subvencionado com apoio da Lei Rouanet. A obra narra mais de dois séculos de história, desde o período anterior ao decreto de criação de Nova Friburgo, em 1818, até os dias atuais, tomando como base a evolução urbana da cidade. Este artigo se propõe a expor a experiência da produção do livro e as possibilidades de leitura do urbano através do olhar histórico.

Palavras-chave: Nova Friburgo; Rio de Janeiro; urbanismo

Introdução

Em maio de 2018, Nova Friburgo, cidade serrana do Rio de Janeiro, celebrou seus 200 anos. A chegada do bicentenário já vinha, há alguns anos, despertando o interesse pelas origens e pelo passado da cidade. Apesar de riquíssima, a história de Nova Friburgo ainda se encontrava dispersa em vários trabalhos segmentados – muitos de cunho acadêmico – impossibilitando à grande parte da população uma proximidade com tal conhecimento.

Diante da importância de disseminar essas informações da maneira mais clara e abrangente possível, sobretudo naquele momento de resgate, pensou-se que o melhor presente para a população friburguense seria reunir, numa única publicação, a história de Nova Friburgo.

A iniciativa partiu da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, por meio do Comitê Nova Friburgo 200 anos. A coordenação do projeto, por sua vez, foi confiada a Luiz Fernando Dutra Folly, presidente da Fundação Dom João VI, instituição responsável pela proteção e difusão da história de Nova Friburgo.

Em face da proposta de narrar mais de dois séculos de história, desde o período anterior ao decreto de criação de Nova Friburgo, em 1818, até os dias atuais, optou-se em tomar a cidade como protagonista. Assim, o livro teria como fio condutor a evolução urbana de Nova Friburgo, já que a cidade é um produto cultural, construção coletiva dos homens e mulheres que por ela passaram e registraram sua influência sobre o meio – “Os termos relacionados à cidade denotam a educação, a cultura [...]: urbanidade vem do latim *urbs*; polidez, da *polis* grega” (LE GOFF, 1998, p. 124).

Além disso, a paisagem urbana é referência essencial que dá sentido à vida dos habitantes locais. Todo ser humano cria laços afetivos diante da contemplação dos lugares de sua infância e deles sente orgulho por pertencer e fazer parte de sua história. A cidade é um registro do passado e pode ganhar ainda maior importância e significado quando passamos a enxergar e decifrar seu testemunho: “A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a.” (BARTHES, 1985, p. 204)

O estudo da construção, constituição e concepção de Nova Friburgo através dos seus múltiplos espaços, temporalidades e cotidianos, não somente revela o *modus vivendi* do povo friburguense, como também, a forma como a sociedade usufrui de sua paisagem, inspira seus sonhos e constrói a sua realidade consubstanciada em uma paisagem que se revela na cidade:

Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, por que todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida em sua sociedade (HALBWACHS, 2006, p. 160).

Referencial teórico

Com a emergência da história cultural na década de 1990, veio também uma nova forma de encarar o fenômeno urbano, tomando-o não apenas como produto dos atores sociais, mas, sobretudo, “como um problema e um objeto de reflexão, a partir das

representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais” (PESAVENTO, 2007, p. 13).

Para fundamentar o estudo sobre a urbanização de Nova Friburgo em sintonia com tal pensamento, baseamo-nos em dois conceitos chave: paisagem e memória¹, a fim de entrelaçar a ação do ser humano sobre o meio e as formas de apropriação do lugar. Por paisagem, tomamos duas definições dos geógrafos Augustin Berque e Milton Santos, ligados à Geografia Cultural, que se complementam. Para Berque (1984),

A paisagem é uma marca, porque ela exprime uma civilização; mas também uma matriz, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação, isto é, da cultura, que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza, em outras palavras, com a paisagem de seu ecúmeno.

Para Milton Santos (1996),

[...] a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. [...] a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal.

Da mesma forma que o ser humano constrói a paisagem, ela também age sobre ele e o resultado desta interação é a memória, “instrumento biológico-cultural de identidade, conservação, desenvolvimento, que torna legível o fluxo dos acontecimentos (BEZERRA DE MENEZES *apud* RAMOS, 2004, p. 100). A cidade é, portanto, uma “densa tessitura [de] elementos de identidade” (MAGALHÃES, 1985, p. 208).

Para refletir sobre tal questão, apropriamo-nos do conceito de “lugares de memória” do historiador Pierre Nora (1993), tomando a cidade como tábula onde se dá o jogo da memória e da história e a considerando nos três sentidos por ele atribuídos ao “lugar”: material – por ser apropriada pelos sentidos –, funcional – onde se consolida a memória coletiva –, e simbólica – onde essa memória coletiva se expressa.

Questões metodológicas

Para a elaboração do livro foi formada equipe especializada, constante da historiadora Vanessa Cristina Melnixenco, responsável pelas pesquisa e escrita do livro. O compromisso estipulado foi a produção de um texto com rigor acadêmico – fidelidade

¹ O termo “memória” do título do livro é tomado no senso comum, ou seja, como uma recordação que a posteridade guarda.

às fontes – mas, portador de um estilo literário de fácil assimilação e fluidez. Determinou-se também que a história seria narrada cronologicamente, a fim de facilitar a absorção do conteúdo pelo público.

Para tanto, o primeiro capítulo, intitulado *A conquista dos “Sertões do Macacu”*, tratou dos fatos precedentes à assinatura do decreto de criação de Nova Friburgo (1818), na tentativa de esclarecer o desenrolar dos acontecimentos posteriores. Seguindo a proposta original, o livro já é iniciado através da perspectiva geográfica:

Muito antes de Nova Friburgo despontar no mapa do Brasil, toda a região do seu entorno era conhecida como “Sertões do Macacu”. Na verdade, esses sertões compreendiam a área hoje ocupada por treze municípios localizados entre a Serra do Mar e o rio Paraíba do Sul². Essa região era assim denominada por ser cortada pelo rio Macacu, considerado o mais importante rio a desaguar na Baía de Guanabara, sendo o maior em extensão e em volume d’água, tendo sido navegável em determinadas áreas em tempos remotos.

Apesar de sua proximidade com a cidade do Rio de Janeiro, os Sertões só seriam formalmente ocupados pela Coroa portuguesa em fins do século XVIII. Até então, eram habitados por índios das tribos Coroado, Puri e Coropó (MELNIXENCO, 2018, p. 16).

O texto prossegue com as versões para justificar a tardia ocupação do local até 1876, quando o grupo de contrabandistas de ouro chefiado por Manuel Henriques, mais conhecido como Mão de Luva, foi derrotado. A partir daí, as autoridades passaram a explorar a área, agora denominada Cantagalo, distribuindo sesmarias, a fim de ocupar e desenvolver a região. Uma dessas sesmarias foi batizada de Fazenda do Morro Queimado onde, futuramente, seria estabelecida a colônia de Nova Friburgo.

O segundo capítulo, *Nouvelle Fribourg: a construção do belo*, inicia-se com a catastrófica erupção de um vulcão³ na Indonésia, em 1815, que interfere no clima de todo o planeta. Na Suíça, as plantações não resistem às intensas chuvas e logo o espectro da fome se faz presente. A única solução, para muitos suíços, foi abandonar a terra natal. Surge, então, a ideia de fundar uma colônia suíça no Reino do Brasil, que desde 1808

² São eles: Bom Jardim, Cachoeiras de Macacu, Cantagalo, Carmo, Cordeiro, Duas Barras, Macuco, Nova Friburgo, São Sebastião do Alto, Santa Maria Madalena, Sumidouro, Trajano de Moraes, Teresópolis, que compõem a região denominada de centro-norte fluminense.

³ Em 10 de abril de 1815, após séculos adormecido, o vulcão Tambora despertou, produzindo uma das mais poderosas erupções já registradas na história.

abrigava a Coroa Portuguesa. D. João VI concorda com a ideia e baixa um decreto no dia 16 de maio de 1818. Estava fundada a colônia de Nova Friburgo.

Os primeiros colonos enfrentam muitas dificuldades, mas logo a vila começa a despontar no cenário local. Passagem obrigatória para os cafezais de Cantagalo, Nova Friburgo desenvolve-se, principalmente após a chegada da ferrovia, em 1873. Conhecida como “cidade salubre”, a antiga colônia vai perdendo seu aspecto rural e ganha ares afrancesados com seus novos palacetes e praças. A qualidade de vida de Nova Friburgo chama a atenção de industriais alemães que, em 1911, instalam as suas fábricas na cidade.

Este capítulo é o mais denso no que diz respeito à quantidade de conteúdo, já que se trata da formação de Nova Friburgo. O mais significativo foi explorar o nascimento da cidade e tornar legível a transformação de uma sesmaria – que possuía apenas sede e benfeitorias – em um município industrial, no decurso de um século.

No que diz respeito à origem da cidade, destacamos como o projeto de Francisco Cordeiro da Silva Torres de Sousa Melo e Alvim⁴, então Coronel do Real Corpo de Engenheiros, estabeleceu formas regulares e racionais para a vila, em acordo com as Ordenações Régias, mas também levou em consideração a geografia local: a hidrografia foi o fator determinante para a situação de Nova Friburgo – “Encravada nos morros de flancos às vezes escarpados, a vila abraçou essa geografia e [...] estendeu-se ao longo da planície do Rio Bengalas” (NICOULIN, 1995, p. 175).

Foram construídas cem casas provisórias para os colonos, divididas em três bairros. O primeiro, localizado próximo à sede da antiga sesmaria, reunia 14 casas em linha reta. O segundo, disposto na planície à leste do Rio Bengalas, reunia as moradias de número 15 ao 62. O terceiro, próximo ao encontro dos rios Cônego e Santo Antônio, compreendia 37 residências dispostas no formato de um quadrado. As moradias seguiam

⁴ “Nascido na quinta de Olaia, Portugal, em 24 de fevereiro de 1775, Francisco Cordeiro foi educado para o sacerdócio. Após a morte do pai, no entanto, seguiu carreira militar, ingressando na Academia de Guardas-Marinhas. Continuou sua formação na Escola de Fortificações, Artilharia e Desenho, onde graduou-se em engenharia. Sua dedicação aos estudos lhe valeu a transferência para o Corpo Real de Engenheiros. Com a invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas, Francisco Cordeiro seguiu para o Brasil junto com a Corte. Promovido a capitão, ficou a serviço da Casa Real. Além de professor na Academia Militar do Rio de Janeiro, também foi responsável por importantes obras na capital, como a canalização de águas na Quinta da Boa Vista. Em 1818, foi promovido a tenente-coronel e encarregado do planejamento das principais obras hidráulicas do tempo de Dom João VI” (MELNIXENCO, 2018, p. 54).

a padronagem comum utilizada no Brasil: retângulos compridos com pequenas testadas e faces laterais coladas às divisas.

Não obstante a relevância de descrever os detalhes primeiros de Nova Friburgo e os modos e usos de construção do Brasil colonial, nossa preocupação maior foi revelar como aqueles elementos originais – como os traçados das ruas e a disposição das casas – direcionaram o desenvolvimento urbano posterior e ainda se fazem presentes na cidade contemporânea. Essa permanência de evidências do passado na forma urbana de hoje é, para o arquiteto Aldo Rossi (1995), a “alma da cidade”. É tal essência que pretendemos tornar visível para os leitores.

Além dos manuscritos e documentos impressos, a descrição desse passado pôde ser delineada por meio de plantas, mapas e gravuras. Também era um de nossos objetivos produzir um livro ricamente ilustrado, que reproduzisse em suas páginas registros icônicos da história de Nova Friburgo. Assim, o entrelaçamento entre as perspectivas apresentadas pelo texto, pela litogravura de Jean-Baptiste Debret de 1835, e a planta de Néster Gravílovitch Rubtsov, cartógrafo da Expedição Langsdorff, de 1822, por exemplo, facilitam a compreensão do espaço de outrora e seus vestígios na cidade de hoje. A planta confeccionada durante a passagem da Expedição Langsdorff é, aliás, um ótimo exemplo para ilustrar a “alma” de Nova Friburgo.

Primeira planta do território abrangido pela vila, o registro de Rubtsov fornece uma grande quantidade de informações. Além da disposição das construções da vila, ele procurou registrar a vegetação e o relevo do terreno, com admirável minuciosidade. Seu trabalho, não obstante a utilização de simples recursos que não forneciam dados seguros, se comparados aos atuais, impressiona, ainda hoje, pela precisão com que foi elaborado. Se sobreposmos um mapa atual da cidade à planta de Rubtsov, fazendo as devidas conversões de pés para metros, tudo se encaixa com grande exatidão. Além disso, nessa comparação, é possível perceber como a cidade e sua estrutura urbana se desenvolveram de acordo com as disposições que a vila apresentava em seus primórdios (Figura 01).

O terceiro e último capítulo, *Nova Friburgo: da memória do passado ao projeto de futuro*, trata do segundo século de história da cidade. Com a consolidação do processo de industrialização na década de 1930, Nova Friburgo passa a ser reconhecida como cidade industrial, mas às custas de suas belezas: os rios são poluídos e os antigos solares,

substituídos por prédios. Enquanto isso, as autoridades locais buscam reaproximar Nova Friburgo de seus antigos fundadores, adotando o título de “Suíça Brasileira”, numa tentativa de criar a imagem de uma cidade tradicionalmente voltada ao trabalho e ao sucesso das nações europeias. Com a intensa propaganda, a cidade vai inchando e, ao contrário do esperado, afastando-se de suas raízes.

Na década de 1980, com a crise econômica, tradicionais fábricas demitem funcionários. Muitos deles, não tendo outra opção de serviço, utilizam seus conhecimentos em costura para criar seus produtos. Dessa forma, iniciam suas próprias confecções de roupa. Com o aumento das pequenas indústrias e o consequente acirramento entre elas, dá-se a diversificação e o barateamento das mercadorias. Assim, Nova Friburgo fica conhecida nacionalmente como “Capital da Moda Íntima”. A cidade volta a ser destaque nacional em 2011, mas, dessa vez, devido ao maior desastre natural já ocorrido no Brasil. A partir daí, diante das lições das inúmeras dificuldades, as autoridades passam a se preocupar com a preservação do meio ambiente e da memória de Nova Friburgo.

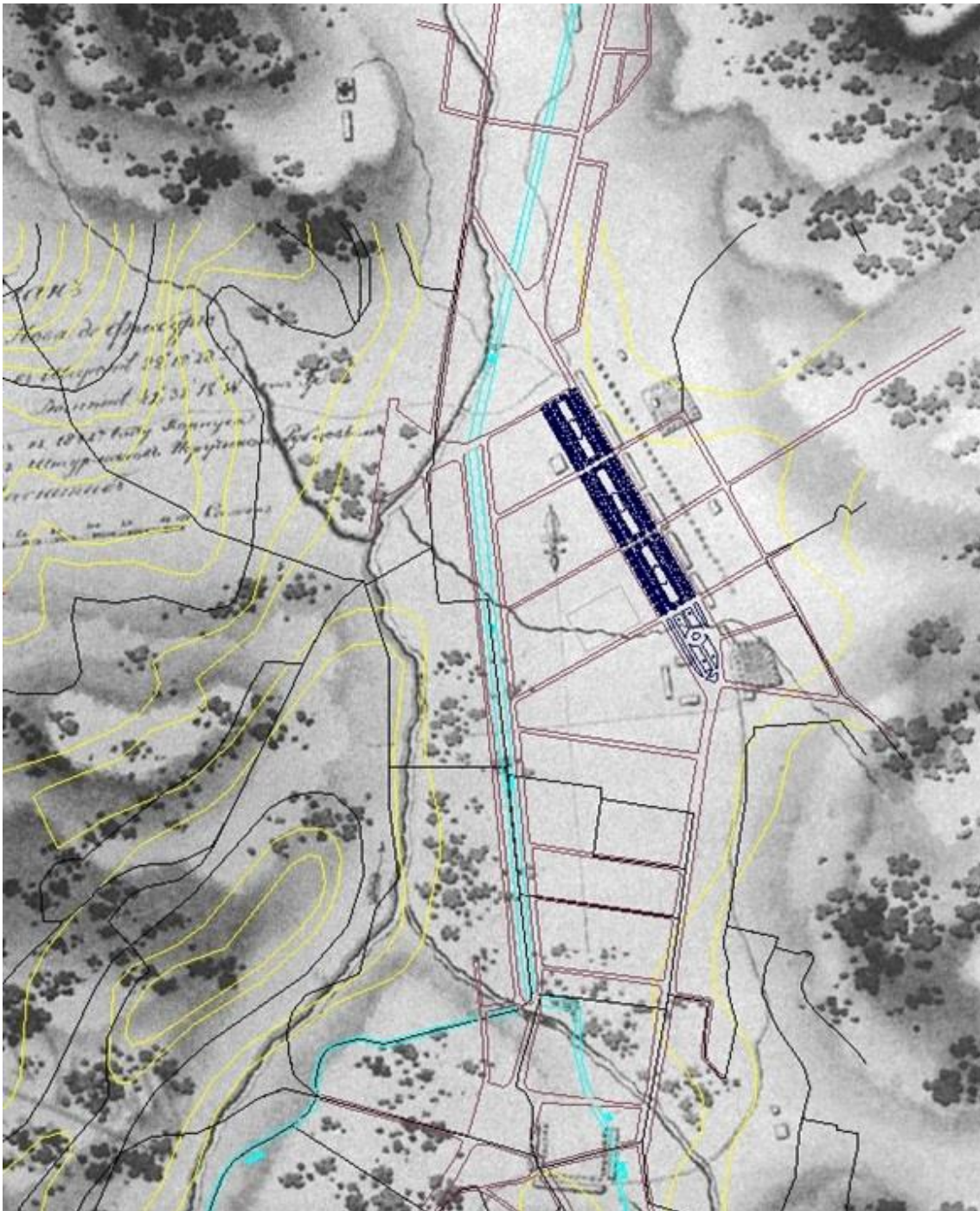


Figura 01: RUBTSOV, Néster Gravílovitch. *Planta da vila de Nova Friburgo*, situada a 22°18'28" de latitude S e 42°32'18" de longitude O de Greenwich, 1822. 40,8 x 49,7 cm. Acervo: Arquivo da Academia de Ciências, São Petersburgo, com sobreposição da malha urbana atual.

Por tratar de um período mais recente, o último capítulo é mais compacto se comparado ao anterior. Apesar de termos estendido a narrativa até os dias atuais, ela vai rareando conforme a proximidade do tempo presente. Os principais recursos

iconográficos utilizados neste capítulo para explicitar o rápido desenvolvimento urbano de Nova Friburgo foram as fotografias. Através delas, a identificação das permanências e das mudanças são facilmente perceptíveis: os mesmos traços de quando a cidade foi projetada se fazem presentes, mas as casas de um ou dois pavimentos do início do século XX, deram lugar a edifícios de dezenas de andares.

Ao longo de toda a narrativa, demonstramos como as mudanças na paisagem são produto do trabalho humano e estão relacionadas a questões políticas, econômicas e sociais. Os jogos de poder, as ideologias, as invenções de tradições (HOBBSAWM, 2012), isto é, os valores de cada época foram usados como pretextos para alterações no cenário urbano que, por sua vez, remodelaram a forma de as pessoas interagirem com o meio. Apesar do viés oficial da obra, evitamos uma abordagem ufanista. Pelo contrário, evidenciamos as memórias em conflito.

Para o referencial histórico, apoiamos a pesquisa através de bibliografia especializada, dissertações, teses, artigos, reportagens, depoimentos, entrevistas, periódicos, inventários, ofícios, requerimentos de sesmaria, legislações, atas, correspondências, relatos de viajantes e naturalistas, poesias, romances e trovas. Para fundamentar a escrita, servimo-nos de rica iconografia composta de litogravuras, gravuras, aquarelas, pinturas, retratos, projetos, desenhos, cartas topográficas e corográficas, mapas, plantas, objetos e fotografias. Tais documentos foram acessados em arquivos privados e instituições de pesquisa locais, nacionais e internacionais.

Considerações finais

Pensamos o projeto *Nova Friburgo 200 anos – da memória do passado ao projeto de futuro* visando preservar a história do município de Nova Friburgo e, principalmente, despertar o desenvolvimento de estudos para o futuro. O objetivo geral foi viabilizar a publicação de um livro histórico e artístico que representasse um marco no aniversário de 200 anos de Nova Friburgo, ao mesmo tempo que um legado para as futuras gerações.

Nosso intuito foi organizar uma bibliografia de referência tanto para estudantes e pesquisadores quanto para leigos, além de abrir um caminho lúdico e onírico para o passado de Nova Friburgo, favorecendo crianças e adultos a se tornarem partícipes deste

tempo já tão distante, mas que se faz essencial para compreender nosso presente e pensar nosso futuro.

Não há construção de um futuro digno e justo para a coletividade sem uma consciência sobre o passado. Ao tomar posse desse conhecimento, ou seja, da “memória do passado”, acreditamos que os friburguenses terão maiores possibilidades de preservar seu patrimônio e construir um “projeto de futuro” justo para a cidade.

Ressaltamos que a publicação do livro veio preencher uma lacuna até então existente na transmissão de saber em Nova Friburgo. Apesar da profusão, o conhecimento produzido sobre a história friburguense tem ficado restrito a locais e pessoas específicos, comprometendo o acesso à informação e, mais gravemente, à plena formação cidadã da população local, principalmente no tocante aos estudantes.

Com a edição do livro comemorativo, a história de Nova Friburgo poderá ser acessada de forma simples – por constar em uma única plataforma –, além de instigar o leitor a buscar e produzir mais informação. Nosso propósito é possibilitar a quebra das habituais barreiras que afastam e fazem com que grande parte da população permaneça excluída e não pertencente ao saber historiográfico.

Seguindo a declaração de Jacques Le Goff (2003, p. 471) de que “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” –, nosso objetivo é permitir a difusão do conhecimento democraticamente, de forma que todo cidadão friburguense possa ter acesso ao conteúdo do livro e se ver parte e sujeito da história de sua cidade, apropriando-se da “memória como direito de cidadania” (CHAGAS, 2006, p. 33).

O livro *Nova Friburgo 200 anos: da memória do passado ao projeto de futuro* (260 páginas), de autoria da historiadora Vanessa Cristina Melnixenco e com tradução integral para o francês de Annette Bordage Bessa, foi publicado pela editora Novas Direções em maio de 2018. A edição do livro contou com apoio da Lei Rouanet. A conquista do selo do Ministério da Cultura confirma o mérito e a relevância da obra *Nova Friburgo 200 anos* no contexto nacional.

A fim de permitir a difusão do conteúdo presente no livro, palestras abertas à população foram proferidas ao longo do ano de 2018. Além disso, a versão física do livro – por sua limitação editorial – foi doada a escolas da municipalidade, para compor o

acervo de sua biblioteca com possibilidade de acesso pelos estudantes, professores, funcionários e pela comunidade local; e uma versão digital da obra será disponibilizada para todos os alunos e professores da rede municipal, de forma que o conteúdo do livro possa ser acessado de qualquer plataforma eletrônica, sem restrições.

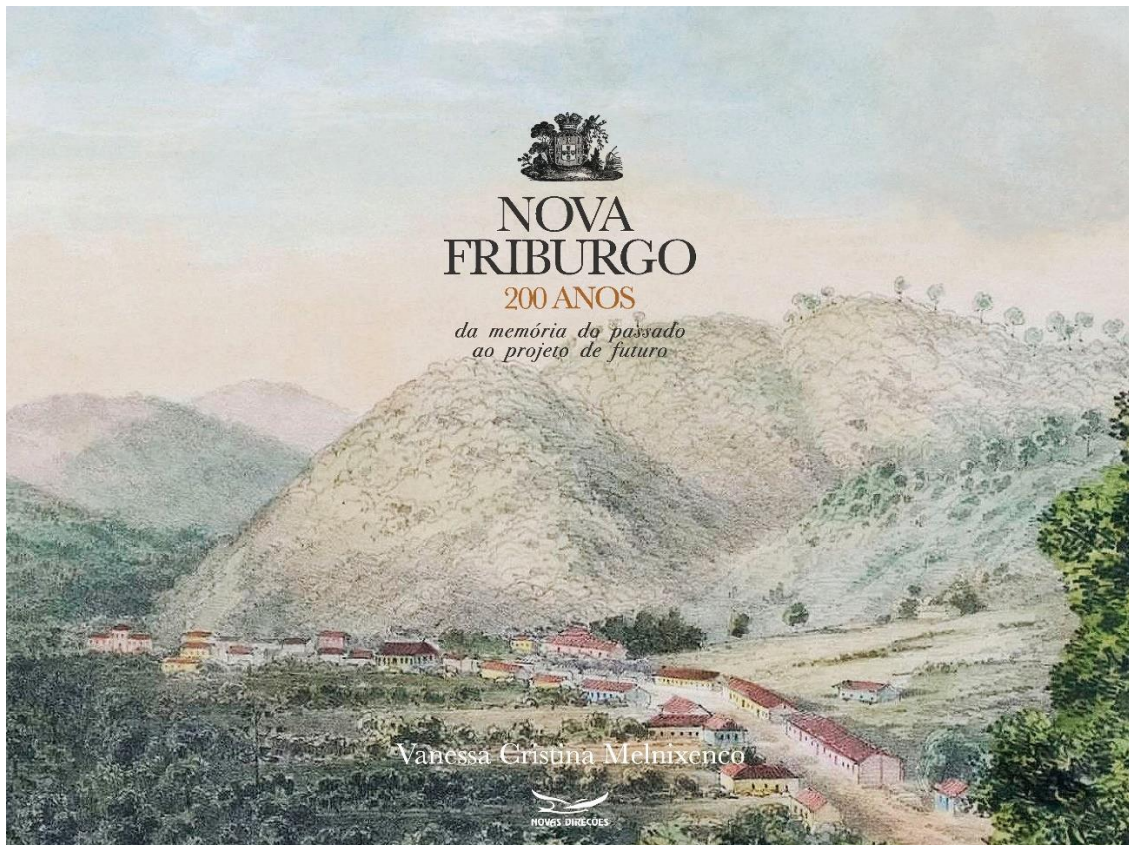


Figura 02: Capa do livro “Nova Friburgo 200 anos: da memória do passado ao projeto de futuro”. A ilustração “Nova Friburgo vista do Sul”, de 1853, é do naturalista Hermann Burmeister. A litogravura pertence ao acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, São Paulo. Concepção: Erika Castro.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. *L’aventure sémiologique*. Paris: Éditions du Seuil, 1985.
- BERQUE, A. *Paysage-empreinte, paysage-matrice* : éléments de problématique pour une géographie culturelle. L’Espace Géographique, 1984.
- CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006.
- FOLLY, L. F. D. *A história da Praça Princesa Izabel em Nova Friburgo: o projeto esquecido de Glaziou*. 2007. 218 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - PROURB, UFRJ/FAU, Rio de Janeiro. 2007.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. [1968] Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

- HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. in HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. [1997] Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- _____. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419-476.
- MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo?* A questão dos Bens Culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- MELNIXENCO, Vanessa Cristina. *Nova Friburgo 200 anos: da memória do passado ao projeto de futuro*. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2018.
- MOTTA, Lia. As cidades: sua valorização e proteção como documentos. *Memória e Educação*, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 45-54, 2008.
- NICOULIN, Martin. *A Gênese de Nova Friburgo – Emigração e Colonização Suíça no Brasil (1817-1827)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 11-23, 2007.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.
- ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.